



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

AS FORMAS DA MEDIAÇÃO CULTURAL E A MEDIAÇÃO EDITORIAL: OBSERVAÇÕES A PARTIR DE EDIÇÕES DE LITERATURA PARA USO ESCOLAR, VESTIBULARES E DE JOVENS

FORMS OF CULTURAL AND EDITORIAL MEDIATION: CONSIDERATIONS ON LITERARY EDITIONS FOR SCHOOL USE, COLLEGE ENTRANCE EXAMS AND YOUNG READERS

Pedro Ivo Silveira Andretta. UNIR.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Compreendendo a mediação editorial como uma forma de intervenção cultural e o editor como responsável por mediar materialidades, sentidos e relações temporais, tomaremos como objetivo desta pesquisa descrever e analisar as formas das mediações editoriais e como elas viabilizam a mediação cultural em obras de literatura. Para tanto, consideramos os entendimentos pragmáticos de mediação cultural de Rasse (2000) e Chaumier e Mairesse (2017), e paradigmático/epistêmico de Perrotti e Pieruccini (2014). Em nossa metodologia, apresentamos um corpus com oito edições da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que, à luz da Teoria da Publicação de Bhaskar (2013), foram distinguidas em dois modelos: (1) edições orientadas ao uso escolar e ao vestibular, e (2) edições aparentemente não orientadas ao uso escolar ou vestibular, mas à leitura de fruição ou estudo, voltadas ao público jovem. Concluímos que a presença e as formas de um – ou de um conjunto de – paratextos pode ser entendida como mediação cultural para um teórico e para outro, não; mas o alinhamento ao paradigma da mediação cultural exige a mobilização da mediação cultural também em nível pragmático.

Palavras-Chave: Mediação Cultural. Mediação Editorial. Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Abstract: Taking editorial mediation as a form of cultural intervention and the editor as responsible for mediating materialities, meanings and temporal relations, in this study we set out to describe and analyze forms of editorial mediation and how they enable cultural mediation in literary works. For that we adopt the pragmatic understandings of Rasse (2000) and Chaumier and Mairesse (2017) on cultural mediation, and the paradigmatic/epistemic perspective of Perrotti and Pieruccini (2014). Our corpus consists of eight editions of the novel “Epitaph of a Small Winner” and in our methodology, informed by Bhaskar's (2013) theory of publishing, we assign each of them to one of two models: (1) editions designed for school use and college entrance exams, and (2) editions seemingly not aimed at school or college prep programs but at reading for pleasure or study with young readers in mind. We conclude that while the presence and format of a – or of a set of – paratext(s) may be understood as cultural mediation by one theorist and not another, an alignment with the cultural mediation paradigm demands the mobilization of cultural mediation also on the pragmatic level.

Keywords: Cultural mediation. Editorial mediation. Epitaph of a Small Winner.



1 INTRODUÇÃO

Compreendemos que desde a década de 1980, particularmente na França, o tema da mediação cultural foi invocado nas políticas culturais, nos espaços dos museus e da arte contemporânea, e então expandiu-se para o campo da educação popular e da cultura (SAEZ, 2018). Bordeaux (2018) ressalta que, apesar dos avanços nos estudos nas disciplinas que abordam a questão da circulação, transmissão e apropriação dos conteúdos enquanto representação, não foi desenvolvida nenhuma definição realmente consensual para a mediação cultural. Assim, esta é entendida de diferentes maneiras: como consolidação de vínculos e regulações sociais; como ação educativa para a democratização e interpretação cultural; ação pragmática destinada a colocar os públicos em reflexão por meio de uma obra, ou ainda como episteme que orienta práticas e políticas culturais.

Wright (1985), também na Europa, utiliza a expressão “*editorial mediation*”, indicando que a política editorial de conteúdo, estilo e apresentação dos textos tem consequências, isto é, afetam os leitores e o sucesso da comunicação. Décadas mais tarde, Pizarro (2012) compreende a mediação editorial como uma forma de intervenção cultural e o editor como responsável por mediar materialidades, sentidos e relações temporais. Essas mediações – segundo Rieusset-Lemarie (2001) e Jeanneret e Souchier (2005) que abordam, respectivamente, a função editorial e a enunciação editorial – não são transparentes ou neutras e devem despertar a criticidade no leitor. Nesse sentido,

[...] a mediação editorial atua como um instrumento de informação, de saber e poder à medida que seleciona, recorta, aglutina e organiza toda uma transtextualidade para a construção discursiva de uma obra bibliográfica, na expectativa de dar visibilidade àquilo que se quer dizer ao leitor. A mediação editorial, como parte da mediação cultural, é, por extensão, um ato de criação e produção de sentidos. (ANDRETTA; PERROTTI, 2019, p. 1410).

Na esteira dos estudos sobre a mediação cultural e mediação editorial, interessa-nos a questão “Quais são e como têm sido mobilizadas as práticas da mediação cultural e editorial nas edições recentes, impressas e digitais, da obra ‘Memórias póstumas de Brás Cubas’, de Machado de Assis?”. Assim, tomamos como objetivo desta pesquisa descrever e analisar as formas das mediações editoriais e como elas viabilizam a mediação cultural,¹ em seu

¹ Estamos cientes da compreensão que, grosso modo, toma todo gesto de mediação de patrimônios ou produções culturais para com o público como inscrevendo-se em uma prática de mediação cultural, posto



entendimento pragmático e paradigmático/epistêmico. Escolhemos como objeto empírico para nossas análises oito edições recentes da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis.

Lançadas essas considerações iniciais, propomos a exposição em quatro frentes. Na primeira, “Compreensões da mediação cultural”, sinalizamos aspectos da mediação cultural a partir das proposições de Rasse (2000), Chaumier e Mairesse (2017) e Perrotti e Pieruccini (2014). Em “Escolhas metodológicas”, apresentamos o *corpus* de pesquisa e as categorias de análise. Depois, em “As formas das mediações em análise”, descrevemos e analisamos separadamente formas de mediação editorial das edições de “Memórias póstumas de Brás Cubas” direcionadas a dois modelos: (1) orientadas ao uso escolar e vestibular, e (2) orientadas ao público jovem, à luz das compreensões de mediação cultural anteriormente apresentadas. Por fim, em nossas “Considerações finais”, sintetizamos nosso percurso teórico-metodológico, resultados, limitações e perspectivas.

2 COMPREENSÕES DA MEDIAÇÃO CULTURAL

Conforme indicam Aubouin, Kletz e Lenay (2010), a mediação cultural é compreendida como expressão guarda-chuva para referir-se a uma grande heterogeneidade de atividades nas áreas da educação e da cultura ou, ainda, a um conjunto de práticas mais ou menos reconhecidas entre certas ofertas culturais. Ratificando esse entendimento, Bordeaux (2018) indica que a expressão “mediação cultural” passou a ser utilizada por profissionais e pesquisadores aparentando uma categoria homogênea, o que na realidade não era.

Rasteli (2021), ao desenvolver uma trajetória e história do entendimento da “mediação cultural”, indica alguns autores e instituições que se debruçaram sobre o conceito, em especial na França. Em adição àquela pesquisa, interessa-nos particularmente os entendimentos da mediação cultural conforme Rasse (2000) e Chaumier e Mairesse (2017) que, conforme entendemos, elaboram uma compreensão pragmática do conceito; e, no cenário brasileiro, os de Perrotti e Pieruccini (2014), que desenvolvem uma compreensão epistemológica, relacionando-a junto aos paradigmas culturais.

também que os mediadores e os públicos são seres de cultura. Porém, vamos nos ater aqui a afiliações teóricas que tensionam e exigem particularidades para assim designar essa forma de mediação.



Temos em Rasse (2000) uma distinção dos estudos em mediação cultural em duas vertentes entre a “utopia da mediação” e a “mediação ortopédica”. Na primeira, a mediação pode ser comparada à água: só tomamos consciência de sua importância quando falta, ou seja, “a mediação torna-se perceptível no negativo, a partir do momento em que falta, quando falta algo e quando a sociedade busca remédios.” (RASSE, 2000, p. 63, tradução nossa). Na segunda, a mediação é compreendida por meio da mobilização de tecnologias e dispositivos em que ela se inscreve com o objetivo, por exemplo, de: facilitar a aculturação de imigrantes, as relações entre cidadãos; compensar falhas de aprendizagens formais; desenvolver o desejo e o prazer por diferentes produções culturais, traduzir conhecimentos especializados, etc. Nesse entendimento, o autor compreende que a mediação cultural consiste em criar espaços em que o público se sinta respeitado e reconhecido em suas diferenças.

[A] mediação [cultural], como a entendemos, considera antes de tudo que a pessoa é diferente, estranha ao lugar ou ao assunto. Ela se esforça para acolhê-los, para explicar, para traduzir em um processo de negociação a partir de tudo que cada um é, de suas habilidades cognitivas, de sua própria cultura, de suas aspirações, de suas ansiedades, de sua própria história, de seu status social. (RASSE, 2000, p. 75, tradução nossa).

Para Chaumier e Mairesse (2017), o mediador cultural não pretende explicar ou interpretar as obras culturais aos públicos, mas proporcionar a eles condições para que tenham autonomia para apropriar-se dessas produções. Assim, “o mediador é aquele que estimula, cria oportunidades, lugares de compartilhamento.” (CHAUMIER; MAIRESSE, 2017, p. 12, tradução nossa). O trabalho do mediador, nessa perspectiva, não intenta promover uma extensão da obra, seu aprofundamento, sua explicação ou sua interpretação, mas dar autonomia ao público para que incorpore “a arte na vida”, conforme se pode ler:

podemos falar de autonomia, na medida em que a mediação cultural visa inscrever na vida para desenvolver outras possibilidades entre os homens e seu universo, formas de construções compartilhadas em que a própria arte se torna o meio de mediação dos modos de compartilhamento. Inversão de perspectivas que permitem inscrever a arte na vida e restituir ao artista seu lugar de operador social e existencial, consoante seja força atuante do ponto de vista coletivo ou da realização de uma interrogação interna. (CHAUMIER; MAIRESSE, 2017, p. 35, tradução nossa).

Já em Perrotti e Pieruccini (2014) a mediação cultural é apresentada como uma categoria autônoma, não meramente funcional ou instrumental, mas criadora de sentidos e de significados dentro do modelo triádico semiótico junto à interação entre “texto” e “leitor”.



Nesta perspectiva, os autores compreendem a mediação cultural enquanto paradigma cultural – um modelo epistêmico que pauta e orienta as políticas e práticas culturais e sociais. Nessa compreensão, os autores olham para as bibliotecas e distinguem três modelos, a biblioteca *templum*, *emporium* e fórum. Eles relacionam tais modelos de dispositivos aos paradigmas da conservação, difusão e mediação cultural, respectivamente. O paradigma da mediação cultural volta-se para a apropriação, produção e negociação de sentidos, para a democracia cultural.

Do ponto de vista epistemológico, portanto, a noção de mediação cultural emerge num momento em que a de difusão cultural dá mostras claras de esgotamento. Ancorada na ideia de transmissão como um valor em si, a difusão cultural acabou fechando-se num difusionismo ou transmissivismo inoperante, ao deixar de considerar - ou considerando só residualmente - demandas específicas e complexas dos processos de recepção e apropriação dos signos. (PERROTTI, 2016, p. 11).

Apresentadas as compreensões que balizaram nossas análises, seguiremos para as escolhas metodológicas.

3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Para nossas análises, selecionamos aleatoriamente oito edições impressas, nacionais e recentes da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, disponíveis em livrarias físicas, virtuais e bibliotecas. Essa seleção resultou em um *corpus* com as edições: Ática (2017), BestBolso (2015), Ciranda Cultural (2018), Martin Claret (2016), Melhoramentos (2015), Panda Books (2018), Saraiva (2017) e Scipione (2015).

Após a seleção, à luz da Teoria da Publicação de Bhaskar (2013) e da observação dos componentes filtragem-enquadramento-amplificação, distinguimos no *corpus* dois modelos de publicações. Em um deles, agrupamos as edições com listas ou encarte de questões e/ou sinalizações de uso escolar e para leitura em vestibular na capa ou quarta-capa. No outro, as edições que não se encaixam no primeiro agrupamento, mas que trazem ilustrações e um “estilo” que parece se dirigir ao público especialmente jovem. Assim delimitamos os modelos:

1. edições orientadas ao uso escolar e ao vestibular;
2. edições aparentemente não orientadas ao uso escolar ou vestibular, mas à leitura de fruição ou estudo, voltadas ao público jovem.



Em seguida, exploramos as edições dessas duas categorizações a partir das compreensões de mediação cultural de Rasse (2000), Chaumier e Mairesse (2017) e Perrotti e Pieruccini (2014).

4 AS FORMAS DAS MEDIAÇÕES EM ANÁLISE

Para iniciar e facilitar nossas análises, mapeamos os paratextos, ou seja, os elementos adicionados às edições selecionadas para nosso *corpus*, como: Prólogo 4ª edição, Ao leitor, Nota sobre a edição, Encarte ou lista de questões, Prefácio ou Posfácio e outras seções, notas de rodapé, ilustração e atenção a detalhes gráfico-visuais próprios do romance.

Quadro 1 - Modelos e elementos adicionados à obra “Memórias póstumas de Brás Cubas”

Modelo	Editora (Ano)	Prólogo 4ª edição	Ao leitor	Nota sobre a edição	Contém questões	Contém Prefácio ou Posfácio	Contém Notas de rodapé	Contém seções adicionais	Contém ilustração	Atenção a detalhes gráfico-visuais próprios
1	Ática (2017)	-	X	-	X	-	X	Início e Fim	-	X
1	BestBolso (2015)	-	X	X	-	X	-	Início	-	-
1	Ciranda Cultural (2018)	-	X	-	X	-	-	Fim	-	-
1	Martin Claret (2016)	X	X	-	X	-	-	Início	-	X
1	Saraiva (2017)	X	X	-	X	-	X	Fim	-	-
1	Scipione (2015)	X	X	-	X	X	X	Início	-	-
2	Melhoramentos (2015)	X	X	-	-	-	-	Fim	X	X
2	Panda Books (2018)	X	X	-	-	-	X	Início e Fim	X	X

Legenda dos modelos:
1. edições orientadas ao uso escolar e ao vestibular;
2. edições aparentemente não orientadas ao uso escolar ou vestibular, mas à leitura de fruição ou estudo, voltadas ao público jovem.

Fonte: Própria

A seguir, exploramos como essas diferentes formas de mediação editorial e propostas editoriais alinham-se, ou não, às diferentes compreensões da mediação cultural.

4.1 Edições de “Memórias póstumas de Brás Cubas” orientadas ao uso escolar e vestibular

Para descrevermos as formas de mediações das edições voltadas ao uso escolar e vestibular, valemo-nos das edições categorizadas no modelo genérico “orientado ao uso



escolar e ao vestibular”. Nessa categoria, alocamos as edições: *Ática* (2017), *BestBolso* (2015), *Ciranda Cultural* (2018), *Martin Claret* (2016), *Saraiva* (2017) e *Scipione* (2015).

Dessas formas de mediação, destacamos que:

A ausência do “Prólogo 4ª edição” apaga a memória e trajetória da obra que chega nas mãos do estudante e retira-lhe uma chave de leitura para o romance. Ademais, o prólogo do autor carrega uma carga simbólica muito particular, pois indicia as mudanças, popularização, leituras e recepção da obra na época.

A ausência de “Notas de rodapé” pode prejudicar a leiturabilidade² do leitor escolar quando este se depara com expressões em desuso ou restritas a comunidades leitoras específicas. A presença dessas notas pode ser entendida como um gesto de respeito e reconhecimento às diferenças do editor para com seus leitores, o que é um elemento importante para a mediação cultural, conforme Rasse (2000).

A presença de “Seções adicionais” que contextualizam o autor, o movimento literário e a obra – afastados temporalmente e, por vezes, geograficamente do leitor – pode ser entendida como um gesto para a mediação cultural. Nas edições aqui categorizadas, essas seções assumem “tamanhos” distintos, de uma a mais de 40 páginas, como é o caso de *BestBolso* (2015) e *Saraiva* (2017), respectivamente. Também assumem “lugares” diferentes no início, no meio e fim, ou no fim da obra, como é o caso de *Martin Claret* (2016), *Ática* (2017) e *Ciranda Cultural* (2018), respectivamente. Vale destacar que *Chaumier e Mairesse* (2017) pontuam que a mediação cultural não deve explicar ou interpretar a obra ao público, mas oferecer autonomia para a apropriação. Nesse sentido, as edições selecionadas são, em alguma medida, cuidadosas, isto é, evitam entregar um “resumo” ou “entendimento” único sobre o romance.

Edições como *Ática* (2017), *Saraiva* (2017) e *Scipione* (2015) pareceram-nos mais generosas e “cautelosas” ao tensionar elementos como “prefácios”, “posfácios” e “seções adicionais” – ainda que, por vezes, em uma perspectiva didatizante. Ao trabalhar a composição de “prefácios” ou “posfácios” e “seções adicionais”, a edição *Ática* (2017) inova com as seções “Bom livro na internet” e “Obra da capa”. Nelas, traz novas experiências de

² Cordon Garcia (2020) destaca duas categorias textuais que podem impactar a assimilação ou apropriação do texto pelo leitor: a legibilidade e leiturabilidade. A legibilidade está associada ao uso de diferentes fontes, tamanho da fonte, espaçamento entre linhas etc., e como estes afetam as possibilidades de assimilação do texto. A leiturabilidade está ligada aos aspectos linguísticos, coerência e homogeneidade conceitual do texto.



leitura no contexto digital e artístico. Saraiva (2017) traz uma extensa “seção adicional” ao fim da obra com:

- Diários de um clássico
 - Por dentro de Memórias póstumas de Brás Cubas,
 - Na intimidade de Machado de Assis,
 - Navegando pelo realismo,
 - Conhecendo as memórias póstumas de Brás Cubas,
 - Bibliografia,
 - Obras de Machado de Assis
- Contextualização histórica
 - Apresentação,
 - O contexto do realismo
- Entrevista imaginária por Vicente Luís de Castro Pereira

Nas seções “Diários de um clássico” e “Contextualização histórica”, o leitor é encaminhado para uma explanação pormenorizada da obra. Inclusive, depara-se com fragmentos de escritos de críticos e estudiosos da literatura brasileira, como Alfredo Bosi, John Gledson, Massaud Moisés entre outros, que detalham os mais variados aspectos da obra. Esse esforço de seleção e organização dos conteúdos parece ter exclusivamente uma função pedagógica ou didatizante, conforme se vê pela estruturação dessa seção e pela estrutura e ordem das questões no “Suplemento de Atividades”. Essa instrumentação da mediação, conforme nosso entendimento de Chaumier e Mairesse (2017), não serve propriamente à mediação cultural.

A inscrição das edições categorizadas em paradigmas culturais, conforme o modelo de Perrotti e Pieruccini (2014), é desafiadora, pois pode oscilar conforme a interpretação do analista. Nos casos apresentados, os livros, ou ainda os dispositivos, se constroem por uma dispersão de recursos inscritos, por vezes, tanto no paradigma da conservação, como no da difusão cultural. Por um lado, BestBolso (2015) e Ciranda Cultural (2018) mobilizam poucas possibilidades de mediação do dispositivo e, desse modo, parecem mais orientadas ao paradigma da conservação cultural. Por outro, Martin Claret (2016) mobiliza alguns recursos que nos permitiriam compreendê-la no paradigma da difusão cultural, apesar da presença de alguns “ruídos” simbólicos, como a não atenção aos recursos gráfico-visuais da obra. A edição Saraiva (2017) parece-nos ser um bom exemplo de publicação inscrita no paradigma da difusão cultural, no qual há um cuidado pedagógico, pautado na lógica da assimilação, da reprodução cultural para fins educacionais. Ática (2017) e Scipione (2015) tensionam algumas



qualidades para mediação cultural em nível pragmático, promovendo diálogos intersemióticos entre a cultura impressa e artística ou digital. Adicionalmente, trazem composições de filtragens adaptadas em alguma medida à linguagem do leitor jovem e menos direcionadas à explicação do texto. Entretanto, estão ainda presas a seus “suplementos de leitura” e, portanto, à proposta de democratização cultural, na lógica da “transmissão” para “uso” da informação. Ou seja, inscrevem-se no paradigma da difusão cultural.

4.2 Edições de “Memórias póstumas de Brás Cubas” orientadas ao público jovem

Para descrevermos as formas de mediações das edições voltadas ao público jovem, valemo-nos das edições categorizadas no modelo genérico “não orientadas ao uso escolar ou vestibular, mas à leitura de fruição ou estudo, voltadas ao público jovem”. Nesta categoria, alocamos as edições Melhoramentos (2015) e Panda Books (2018).

Dessas formas de mediação, destacamos que:

As “Notas de rodapé” da edição Panda Book (2018), utilizam os espaços laterais para dar explicações sobre o significado das palavras ou ainda sua “equivalência terminológica”. Porém, também se utilizam destes para indicar fotos que contextualizam cenas, para pontuar comentários curtos, sugestões de pesquisa na internet e dicas para vídeos a serem assistidos *online*. Fazem isso por meio de uma “legenda” baseada em ícones como os do Facebook, Google, Twitter, YouTube. Esses recursos, conforme entendemos, oferecem possibilidades de autonomia para o leitor na apropriação da narrativa e interações intersemióticas na internet. Ademais, servem de espaços de reconhecimento de diferenças culturais para o público jovem e, portanto, configuram-se como um elemento para a mediação cultural, conforme Rasse (2000). Um exemplo do uso dos espaços para as notas de rodapé na edição Panda Book (2018) pode ser observado a seguir:



Figura 1 – Detalhe “Ao Leitor” e “Óbito do autor”, edição Panda Book (2018)

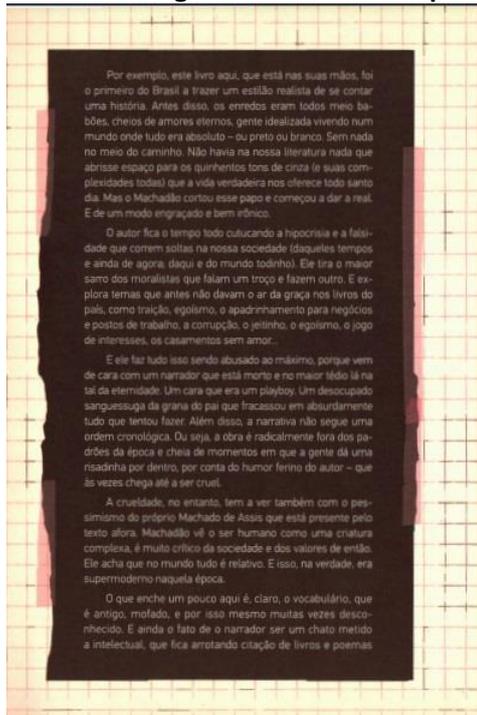


Fonte: Acervo do autor.

O reconhecimento das diferenças culturais da obra para o leitor é trabalhado pela edição Panda Book (2018) por meio dos textos informativos, elaborados por Fátima Mesquita. Ela inicia com a seção “O que é um Clássico”. Nesta, a escritora simula a forma oralizada dos jovens e seu suposto repertório cultural para interpelar o leitor e mostrar-lhe como ler Machado de Assis e entender seu contexto e obra. Vale destacar que as explicações de Fátima Mesquita, conforme nosso olhar, não buscam uma interpretação, uma explicação pormenorizada da obra. Ao contrário, buscam instigar o leitor, servindo assim como um recurso para a mediação cultural, na compreensão pragmática de Chaumier e Mairesse (2017).



Figura 2 – Detalhe “O que é um clássico”, edição Panda Book (2018)



Fonte: Acervo do autor.

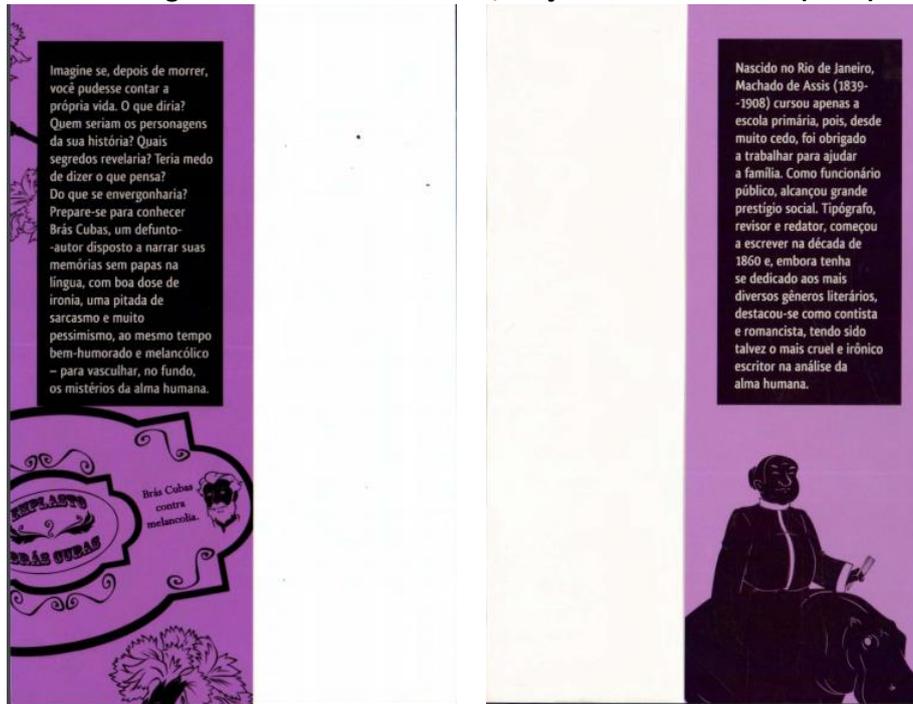
O autor fica o tempo todo cutucando a hipocrisia e a falsidade que corriam soltas na nossa sociedade (daquelles tempos e ainda de agora; daqui e do mundo todinho). Ele tira o maior sarro dos moralistas que falam um troço e fazem outro. E explora temas que antes não davam o ar da graça nos livros do país, como traição, egoísmo, o apadrinhamento para negócios e postos de trabalho, a corrupção, o jeitinho, o egoísmo, o jogo de interesses, os casamentos sem amor...

Na edição Melhoramentos (2015), há também uma breve seção “Bagagem de informação”, com “Momento histórico”, “Momento literário” e o uso das “orelhas” como espaço de contextualização da obra e do autor. Esses elementos, destacamos, não utilizam o mesmo estilo coloquial, descontraído, ou o reconhecimento do leitor enquanto um jovem inserido num contexto sociocultural particular, como o fez Fátima Mesquita.

Tanto Melhoramentos (2015) quanto Panda Book (2018) valem-se do uso de uma diagramação diferenciada e de ilustrações. Em Melhoramentos (2015), há uma única ilustradora que caracteriza alguns personagens e detalhes das cenas narradas, servindo mais como um “recurso para distração” (CASTEDO, 2016). Já em Panda Book (2018), temos vários ilustradores compondo os capítulos, cada um com seu traço e entendimento do capítulo. Eles aderem à diagramação em formato de “scrapbook” por meio de emulação gráfica de clipes, recortes e adesivos, compondo sentidos de um álbum de memórias.



Figura 3 – Detalhe “Orelhas”, edição Melhoramentos (2015)



Fonte: Acervo do autor.

Figura 4 – Detalhe “Orelhas”, edição Melhoramentos (2015)



Fonte: Acervo do autor.



Considerando as características elencadas, podemos distinguir, à luz dos paradigmas culturais propostos por Perrotti e Pieruccini (2014), que as mediações editoriais de Melhoramentos (2015) se afinam a uma proposta de difusão cultural. Inclusive, a expressão “Bagagem de informação” é bastante representativa, alinhando-se à compreensão de informação enquanto “coisa” que pode ser despachada, enviada. Em contraste, a edição Panda Book (2018) adapta-se ao paradigma da mediação cultural, pautado na democracia cultural, promovendo a interlocução de sentidos e diálogos interculturais, intersemióticos e intermídias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tomamos como objetivo descrever e analisar as formas das mediações editoriais e como elas viabilizam a mediação cultural. Para tanto, analisamos oito edições recentes da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis, orientadas ao uso escolar, de preparação para vestibular e para o público jovem. Nos atentamos a como elas tensionam diferentes componentes paratextuais e como, ou se, essas mediações podem ser consideradas mediações culturais, seja em um entendimento pragmático e/ou paradigmático/epistêmico.

Em nosso percurso, compreendemos que há uma ecologia da mediação editorial cujos fluxos de trabalho e comunicação assumem o lugar de “terceiro” da relação triádica com o “texto do autor” e o “leitor”. Se o escritor cria o texto, o editor e sua equipe criam o livro. Estes entregam-no ao leitor para ser recriado, num movimento recorrente e complexo de interferências mútuas. Deste modo, as escolhas do editor marcam-se física e simbolicamente nos produtos editoriais e podem facilitar, provocar ou até mesmo contrariar entendimentos e intenções do autor. Podem, também, promover ou não oportunidades de mediação cultural, a depender do entendimento que seguimos sobre esse conceito.

Sobre os entendimentos de “mediação cultural”, distinguimos no texto como compreensão pragmática aquela orientada à criação de espaços em que o público seja reconhecido e respeitado em suas diferenças, de maneira a obter ou ter autonomia para compreender uma obra, um patrimônio cultural, além de permitir a possibilidade de travar contato consigo mesmo (RASSE, 2000; CHAUMIER, MAIRESSE, 2017). E, por compreensão epistemológica, ou ainda, paradigmática: um modelo epistêmico no interior dos paradigmas



culturais que valora as interações dialógicas em uma perspectiva de apropriação e democracia cultural, e conduzida pela comunicação e interlocução de sentidos. (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014).

Observando as edições selecionadas, ponderamos que a presença, ou não, de determinados paratextos e, portanto, de algumas formas de mediação, por si só não qualificam os produtos editoriais como alinhados ou à compreensão pragmática ou à paradigmática de mediação cultural. Essas delimitações teóricas, vale destacar, diferem entre si e assim, por vezes, notamos que a presença e as formas de um ou de um conjunto de paratextos pode ser entendida como mediação cultural por um teórico e por outro, não. Contudo, nos casos selecionados, o alinhamento ao paradigma da mediação cultural exige a mobilização da mediação cultural também em nível pragmático. Nossas análises das edições impressas orientadas ao uso escolar e vestibular mostram que estas assentam-se no paradigma difusionista, ou até mesmo da conservação cultural, da assimilação e da democratização cultural. Já algumas edições orientadas ao público jovem alinham-se a propostas inscritas no paradigma da mediação e apropriação cultural.

REFERÊNCIAS

AUBOUIN, N.; KLETZ, F.; LENAY, O. Médiation culturelle: l'enjeu de la gestion des ressources humaines. **Culture études**, n. 1, p. 1-12, 2010. Disponível em : <https://doi.org/10.3917/cule.101.0001> . Acesso em 25 fev. 2021.

ANDRETTA, P. I. S.; PERROTTI, E. "A mediação editorial, dispositivos e materialidade: algumas impressões." In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2018, Florianópolis. **Anais... Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Londrina: ANCIB, 2019. p. 1-20. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1254/1525 Acesso em 25 maio 2022.

BHASKAR, M. **The Content Machine: Towards a Theory of Publishing from the Printing Press to the Digital Network**. New York: Anthem Press, 2013.

BORDEAUX, M-C. La médiation culturelle : des dispositifs et des modèles toujours en tension. **L'Observatoire**, Paris, n. 51, n. 1, p. 5-8. Disponível em : <https://www.cairn.info/revue-l-observatoire-2018-1-page-5.htm> . Acesso em 25 fev. 2021.

CASTEDO, R. S. **O design editorial na conformação do livro como dispositivo: um olhar a partir de Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2016. 206 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio



Grande do Sul. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/138251> . Acesso em 25 fev. 2022

CHAUMIER, S.; MAIRESSE, F. **La médiation culturelle**. 2a ed. Paris : Armand Colin, 2017.

CORDÓN GARCÍA, J. A. La lectura digital: intelección, apropiación y contextos. **Biblioteche oggi Trends**, Milão, v. 6, n. 2, p. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3302/2421-3810-202002-028-1> . Acesso em 09 abr. 2021.

JEANNERET, Y.; SOUCHIER, E. L'énonciation éditoriale dans les écrits d'écran. **Communication et langages**, n°145, 3ème trimestre, p. 3-15, 2005. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_2005_num_145_1_3351. Acesso em 25 fev. 2021.

PERROTTI, E. Mediação cultural: além dos procedimentos. In: SALCEDO, D. A. **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**. Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, out. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 16 jul. 2018.

PIZARRO, J. **La mediación editorial** : sobre la vida póstuma de lo escrito. Edição do Kindle. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2012.

RASSE, P. La Médiation, entre idéal théorique et application pratique. **Recherche en communication**, n. 13, p. 61-75, 2000. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/sic_00000230 . Acesso em 23 fev. 2018. Acesso em 23 fev. 2022.

RASTELI, A. Mediação Cultural no contexto Francês: trajetória histórica e evolução. **Páginas a&b: Arquivos E Bibliotecas**, .3, n. 16, p. 81–96, 2021. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/10932>

RIEUSSET-LEMARIÉ, I. La médiation éditoriale sur internet. **Communication et langages**, n°130, 4ème trimestre, p. 32-46, 2001. Dossier : Fonction éditoriale et Internet. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_2001_num_130_1_3105 . Acesso em 26 abr. 2005.

SAEZ, P. Les paradoxes de la médiation culturelle. **L'Observatoire**, Paris, n. 51, n. 1, p. 1-2, 2018. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-l-observatoire-2018-1-page-1.htm> . Acesso em 25 fev. 2021.

WRIGHT, P. Editing: Policies and Processes. In: DUFFY, T.; WALLER, R. **Designing usable text**. Orlando: Academic Press, 1985.